

HOMENAGEM

AO PROF. DOUTOR MÁRIO SILVA



FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

3 DE OUTUBRO DE 1997

DISCURSO DE SUA EXCELÊNCIA
O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, SENHOR DR.
JORGE SAMPAIO

A realização da sessão de homenagem ao Professor Mário Augusto da Silva encerra em si, a todos os títulos, um enorme mérito.

Em primeiro lugar por que o evocar da figura de docente e de investigador de Mário Silva, professor catedrático da Faculdade de Ciências de Coimbra, nos permite, através do esclarecimento dos factores que nortearam e deram sentido à sua vida e à sua obra, melhor pensarmos no que de nós próprios pode e deve ser doado, partilhado, posto em comum com os nossos semelhantes como objectivo de se conseguir um viver mais justo, mais tolerante e mais solidário.

Quero também aqui prestar o meu tributo ao democrata e resistente Mário Silva pelas suas inesquecíveis prestações públicas de comemoração do dia da República.

A influência de Mário Silva não se fez só sentir junto dos estudantes, dos seus amigos e dos seus admiradores. A sua postura de cidadão levou-o a realizar um notável trabalho de recuperação do que restava, em 1938, do Gabinete de Física Experimental setecentista. Com extraordinária persistência e visão da importância do património cultural e científico que representava, dedicou-se a reaver peças, a restaurar o espólio, a recuperar o ambiente e a atmosfera que envolviam as lições de Física Experimental na Universidade.

Esta sua actuação no sentido de ser valorizada a componente experimental do ensino merece ser vivamente assinalada. Felizmente, no início deste ano

abriu ao público o Museu de Física da Universidade, num acto simbólico em que tive o grande gosto de participar, permitindo deste modo que se perpetue para as gerações futuras o acesso à valiosa colecção que ali se expõe.

Mas a realização desta sessão de homenagem ao professor Mário Silva tem o grande mérito, em segundo lugar, de nos focar a atenção sobre a Universidade portuguesa e sobre as condições de formação de novas gerações num contexto cultural e científico que favoreça os valores da cidadania e do projecto.

A introdução no nosso país de universidades modernas deve-se, como se sabe, ao regime republicano saído da Revolução de 1910, que depois de amanhã justamente se comemora. Na realidade, é só a partir de então que a lei portuguesa acolhe a investigação como actividade que garante a qualidade do ensino ministrada pelos professores. E a iniciativa de enviar para se doutorarem no estrangeiro jovens universitários brilhantes é lançada pouco depois.

Evidentemente a Universidade não se rejuvenesceu como que por milagre. Mas o impacto destas medidas foi lenta e seguramente produzindo os seus frutos.

É precisamente sobre um escol de professores e investigadores, temendo a influência do seu exemplo e espírito aberto dos alunos, que se abate em 1947 a fúria e a injustiça do regime salazarista, expulsando dos seus

cargos vinte e um dos mais ilustres professores universitários, entre os quais Mário Silva.

Recordemos que se estava então em pleno período de reconstrução europeia no pós-guerra. O vazio que se criou nas universidades portuguesas, como muito pertinentemente observou outro grande professor e homem de ciência, Rómulo de Carvalho, teve graves consequências no ensino e na formação avançada durante as décadas subsequentes. Foi como se o impulso renovador da Universidade tivesse sido brutalmente asfixiado.

Porém, tal propósito não tinha possibilidades reais de mobilizar a alma dos portugueses - não tinha futuro. Os problemas trazidos pelas tentativas de fomento industrial e pela condução da guerra colonial estimulavam os alvares da democracia e da afirmação da nossa capacidade soberana.

A Democracia portuguesa, garantida pelo 25 de Abril, acolheu um aumento considerável da rede do ensino superior, tendo criado novas oportunidades a milhares de jovens e novos pólos que se espera que possam vir a contribuir para a modernização e o desenvolvimento de Portugal.

Um país sem memória é um país sem futuro. Hoje, aqui, recordamos a figura do investigador, do universitário e do cidadão Mário Silva. A sua boa memória faz-nos

compreender que é preciso continuar sem desfalecimentos no caminho da cultura, da criação do nosso conhecimento, da educação para uma cidadania activa.

DISCURSO DA SENHORA DRA. MARIA ISABEL DA
SILVA NOBRE, FILHA DO SENHOR PROF. DOUTOR
MÁRIO AUGUSTO DA SILVA

Perdoem-me a ousadia de me dirigir a Vossas Excelências mas, como filha mais velha do homenageado, cumpre-me o dever de agradecer esta homenagem; tardia - 50 anos são já passados, mas merecida, o que em nada diminui o empenho de Vossas Excelências na sua concretização, antes os honra. Bem hajam.

Homenageiam o Cientista, o Professor, o Homem que embora não tenha dado todo o contributo da sua inteligência, saber e trabalho para o avanço da Ciência e engrandecimento do País, disso foi impedido pelas forças maléficas que então nos governavam.

Peço licença a Vossas Excelências para, neste momento, agradecer publicamente, em memória de meu Pai, ao Povo de Coimbra, aqui representado por Sua Excelência o Senhor Presidente da República, Povo esse com quem meu Pai tanto se identificou, amou e lutou, e que sempre o acarinhou nos momentos mais difíceis da sua vida.

Tudo lhe foi roubado, inclusivé o seu último grande sonho, o Museu Nacional da Ciência e da Técnica. Até hoje eu temi que também a sua memória fosse apagada. Com esta homenagem e pelas palavras de Vossas Excelências eu tenho a grata sensação de que alguma justiça lhe foi feita.

Em nome de meu Pai, no meu, no dos meus irmãos, de meus filhos, de todos os netos e bisnetos, de toda a Família Mário Silva e de todos os seus amigos, mais uma vez apresento, a Vossas Excelências e a todos os que deram o seu melhor contributo, os nossos mais sinceros e comovidos agradecimentos.

CARTA DE SUA EXCELÊNCIA
O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DA
REPÚBLICA, SENHOR DR. ANTÓNIO DE ALMEIDA
SANTOS

Senhor Presidente do Conselho Directivo da
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de
Coimbra

Caro Presidente e Ilustre Professor:

Agradeço-lhe, muito sensibilizado, o amável convite que me dirigiu para assistir à Sessão de Homenagem ao grande cientista, pedagogo e resistente Professor Doutor Mário Silva.

Nem imagina até que ponto era meu dever e meu gosto estar presente. É que conheci de perto o homenageado, que foi e permaneceu uma das minhas referências políticas. As nossas famílias, inclusivé, têm ainda uma remota ligação por afinidade.

Fui testemunha do seu mérito, do seu brilho, da sua coerência e da sua coragem. Assumi com humildade

exemplar uma vida de sacrifício, mas não quebrou nem torceu.

A liberdade ainda chegou a tempo de ele poder proporcionar a Coimbra um Museu da Ciência e da Técnica, que viria a ter o seu nome. Assisti, como membro do Governo de então, à sua auspiciosa inauguração. Infelizmente não confirmada pelo necessário apoio oficial aquele verdadeiro monumento consagratório da sua vida e da sua memória. Reparar esse agravo seria a melhor forma de homenagear. Talvez esta homenagem sirva para despoletar aquela.

Infelizmente, é-me de todo impossível, por anteriores compromissos inadiáveis, poder deslocar-me a Coimbra nesse dia.

Conforta-me saber que o Presidente da República estará presente. Presente estará assim o Estado, como se impunha, e ao mais alto nível.

Que Coimbra recorde e faça reviver o homem, o cientista, o pedagogo e o resistente intemerato.

Afectuosas saudações
O Presidente da Assembleia da República

(António de Almeida Santos)

ALOCUÇÃO DO MAGNÍFICO REITOR DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA, SENHOR PROF.
DOUTOR RUI ALARCÃO E SILVA

1. O Reitor da Universidade de Coimbra começou por agradecer, em nome da Universidade, a presença de todos quantos se quiseram associar ao acto de justíssima homenagem. Referiu-se, de modo especial, à honra que representa a presença do Senhor Presidente da República.
2. Elogiou a iniciativa da homenagem, por parte do Departamento de Física e da Faculdade de Ciências e Tecnologia, à qual inteiramente se associou como Reitor e coenvolvendo assim a Universidade de Coimbra no seu todo.
3. Reportando-se às apreciações feitas pelos oradores presentes à figura do Doutor Mário Silva, o Prof. Rui de Alarcão evocou, por sua vez, “o mestre insigne e o investigador de renome, perante cuja memória todos nos curvamos”, mas deteve-se particularmente na sua “grande figura de cidadão e democrata”. Falou do seu afastamento compulsivo da cátedra, com os sofrimentos e danos morais e materiais que isso acarretou, considerando esse acto como “uma das páginas negras do regime, que devemos lembrar com

repulsa e, na medida do possível, de alguma forma repara”.

4. A este propósito, Rui de Alarcão considerou que, nesta tentativa de compensar danos verdadeiramente irreparáveis, se insere o acto de homenagem que ora se tributa a Mário Silva, com a presença dos seus familiares mais próximos, a quem saudou, e sob a presidência, que se reveste de especial sentido, do Senhor Presidente da República.

Homenagem - disse - “à sua memória, ao seu trabalho, à sua grandeza moral e cívica”. Homenagem - acrescentou - que passa por perenizar o seu exemplo e desenvolver, no futuro, acções e obras que seriam certamente gratas à sua vontade e aos seus desígnios. Neste contexto, o reitor aludiu ao “Museu Nacional da Ciência e da Técnica” e subscreveu as palavras que o Presidente do Conselho Directivo da FCTUC, Prof. Sá Furtado, proferiu a este propósito.

5. A terminar, o Reitor renovou os seus agradecimentos e congratulações e reafirmou o seu profundo respeito e admiração pelo Prof. Mário Silva.

DISCURSO DO SENHOR PROF. DOUTOR JOSÉ
VEIGA SIMÃO

Eduardo Caetano no prefácio do livro "Mário Silva,
Professor e Democrata", escreve que as razões de ser do
seu testemunho são as de "apontar aos portugueses,

especialmente aos jovens, como exemplo a seguir, a vida e a obra do Cidadão superior, simples, tolerante e bom que trabalhou muito e lutou sempre com entusiasmo, sem desanimar, a favor da liberdade, da cultura e do progresso, a bem do Homem".

João Paulo, neto de Mário Silva, no opúsculo "Ostracismo", em grito legítimo de revolta, recordando aspectos da Vida e Obra do Professor, pergunta "Porque é que nunca se reabilitaram, convenientemente, as grandes referências da Ciência e da Cultura Portuguesas deste Século?"

E interroga "Que relevo terá nos futuros Museus de Coimbra o nome do Prof. Mário Silva?"

Mais de 20 anos de Democracia, com tempo para pedirmos perdão por erros históricos cometidos por nossos antepassados, temos de reconhecer que ainda nos não sobrou tempo para honrarmos dignamente os nossos heróis das Ciência e das Letras, que criaram e transmitiram saber, que foram exemplo de esperança e de dignidade humana e que foram vítimas de injustiças.

Miguel Torga, o incansável defensor do amor, da verdade e da liberdade, alerta-nos para o perigo dessa indiferença, ao escrever em 1990 - "Não há dúvida. Perdemos colectivamente o rumo e não há bússola política, nem gajeiro partidário que nos valha. Indiferentes à lição do passado, que já nenhuma escola

nos ensina, sem ânimo e sem estímulo para sonhar e merecer o futuro, granjeamos passivamente a courela do tempo, até esquecidos de que estamos no presente e somos seus contemporâneos e protagonistas".

A intemporalidade com que prestamos justiça é, sem dúvida, um mal cultivado pelos portugueses. Por isso Torga adverte-nos para a "cruciante consciência de que a grande parte das oportunidades que tivemos foi desperdiçada. Não podemos voltar as costas à íntima e desesperante certeza de que, tê-las aproveitado, seria o melhor da nossa existência".

Quero juntar-me ao Amigo e ao Neto de Mário Silva e seguir os conselhos que Miguel Torga nos levou, em tão belas palavras traduzidos.

Por isso não quero deixar de vos transmitir, quem foi para mim Mário Silva e aproveitar a oportunidade para vos propor um desafio. Em 1946, tendo eu concluído o 7º ano no Liceu D. João III, matriculei-me na Universidade de Coimbra no curso de Preparatórios Militares. Uma organização curricular sem nexos obrigava-me a frequentar, no 1º ano, a disciplina de Física Geral, que para todos os outros cursos de Ciências ou de Engenharia era uma cadeira do 2º ano. E, por isso, faltavam-me as bases matemáticas para o entendimento da matéria.

Esta aberração nas estruturas curriculares, que ainda hoje a Universidade cultiva, concedeu-me a alegria de ter Mário Silva como meu Mestre, o que não aconteceria noutras circunstâncias. Na verdade, Mário Silva foi aposentado compulsivamente da Universidade de Coimbra em Junho de 1947, já não lhe tendo sido possível realizar os exames finais dos seus alunos...

Mas devo a Mário Silva umas aulas estimulantes, quase de enlevo, perguntando ainda hoje a mim próprio como era possível apreender o sentido das coisas sem ter as bases para a sua compreensão. O difícil passava a fácil. As conclusões quase se uniam aos princípios. Havia beleza e elegância nas suas palavras e no seu conteúdo. Por isso, Mário Silva obrigou-me a estudar as coisas que não sabia, para compreender tudo o que dizia.

As breves dezenas de lições que pude ouvir, despertaram em mim a vontade de aprender e de questionar para além das aulas, nos laboratórios, nas bibliotecas, nas conversas de amigos... Dessa aprendizagem do saber pensar são testemunhas gerações de médicos, que foram desafiados a transpor para a vida os princípios da causalidade e da incerteza...

Orlando Ribeiro, meu querido amigo e grande colaborador da Reforma Educativa, no seu livro "Variações sobre temas de Ciência" resume este estado de espírito ao dizer que não pode haver ensino sem o calor da comunicação humana. A objectividade está nas

coisas que estudamos e no nosso esforço de entendê-las; depois cada um tem a sua maneira de as transmitir... Mário Silva tinha um estilo, uma marca própria. Foi um professor de excelência.

Afinal, quis a boa fortuna que não seguisse a vida militar, tendo antes trilhado os caminhos da Física,... Foi Mário Silva que, ao ensinar-me os fundamentos da Teoria da Relatividade, me incutiu para sempre o pensamento einsteiniano de que "sem a crença de que é possível apreender a realidade com as nossas construções teóricas, sem a crença na harmonia interna do nosso mundo, não poderia haver Ciência".

No Laboratório de Física conheci a Obra de Mário Silva, o Doutor de Estado pela Universidade de Paris, como o discípulo de Madame Curie e Jean Perrin. Doutor aos 27 anos e professor catedrático da Universidade de Coimbra aos 30 anos.

Os seus 3 volumes do livro científico sobre a Teoria do Campo Electromagnético e o livro de Mecânica, são leitura obrigatória para todos os que cultivam as Ciências Físicas; as suas traduções e artigos ajudam-nos a penetrar na Literatura Científica internacional e abrem-nos a curiosidade para o pensamento científico moderno, permitindo-nos conviver com Newton, Einstein, Branly, Thomson, Huxley, Ulmo, Beck, Whitehead. O espaço de Minkowski que nos ofereceu,

abriu-nos horizontes para novos conhecimentos da Física e da Filosofia.

Os seus livros didácticos eram preciosos auxiliares para os estudantes, desde os de Cálculo Vectorial ao Curso Complementar de Física. A sua oração de sapiência, o Elogio da Ciência, é uma peça notável e actual.

São notáveis os esforços que realizou para fortalecer a investigação científica no domínio das técnicas radiológicas, como se pode verificar pela publicação de diversos trabalhos científicos em revistas de renome internacional como o "Comptes Rendues de l'Académie des Sciences de Paris" e o "Annales de Physique". Cria ainda, o Instituto do Rádio.

Para além das actividades de professor, ainda nos é dado constatar a sua intervenção na projectada Emissora Universitária e no Rádio Clube do Centro de Portugal.

Mas, Mário Silva, teve tempo ainda para, no seu amor ao Passado, recuperar o espólio que pertenceu ao primeiro Gabinete de Física Experimental, criado pela Reforma de Pombal e apresentar à Academia de Ciências "Um novo Museu em Coimbra: o Museu Pombalino de Física da Faculdade de Ciências", museu único pela sua diversidade, originalidade e riqueza artística da preciosa colecção de instrumentos científicos.

Um Museu que permitiu uma presença portuguesa de grande sucesso em Bruxelas, na Europália-91. Os mecanismos do génio causaram a admiração da Europa.

Em vários momentos da nossa História há buracos negros que são vergonha da nossa existência como portugueses e como Nação. Não os podemos esconder. De entre eles os mais dramáticos e deprimentes são os que foram abertos com demissões e saneamentos de professores, por razões políticas, em qualquer época e em qualquer regime.

A aposentação compulsiva de Mário Silva em 1947, foi um atentado contra a inteligência nacional. A dele e de outros mestres insignes das Universidades portuguesas.

Concluído o meu curso de Físico-Químicas e seguida a carreira académica, após convite formulado pelos meus Mestres Couceiro da Costa e Almeida Santos, o meu convívio com Mário Silva, agora consultor científico da Philips Portuguesa, traduziu-se em conversas amigas e sábios conselhos, tendo eu sempre em mente o sabor amargo da injustiça, que lhe foi infligida.

Em 1970 ocupo o lugar de Ministro da Educação, no tempo de Marcelo Caetano. Foi meu propósito reintegrar todos os professores que tinham sido demitidos e solicitar aos que tinham abandonado o nosso país, que regressassem, no quadro da abertura da Reforma Educativa. Um propósito que teve alguns

êxitos, mas que, no caso de Mário Silva levantou à última hora obstáculos jurídicos, de acordo com a informação da Presidência do Conselho, apesar de ter sido aprovado um novo lugar na Faculdade de Ciências, para o efeito. Numa demonstração pública de afecto e de respeito, os 70 anos de Mário Silva foram comemorados com um jantar em Coimbra, no qual estiveram presentes os seus amigos.

Mas, não conformado com a situação, criei no meu Gabinete a Comissão de Planeamento do Museu Nacional da Ciência e da Técnica e designei-o Presidente. Para evitar quaisquer dificuldades, as remunerações do Director e dos colaboradores e o orçamento do Museu ficavam na dependência directa do Ministro. Ao inseri-lo no regime das experiências inovadoras em curso, o Ministro deu-lhe foros de total legalidade.

Em Abril, a aprovação do Decreto-Lei estava iminente, mas dependente de uma única condição que impunha a de o Prof. Mário Silva continuar a ser o seu Director, independentemente do limite da idade. Procurava-se a fórmula jurídica apropriada, para não haver surpresas. Afinal, o Museu veio a ser oficializado em 1976 e Mário Silva foi reintegrado no mesmo ano. Abril prestou-lhe a justiça merecida e deu-lhe a satisfação plena do seu grande sonho.

O projecto do Museu teve, no entanto, um impulso notável com a acção de Mário Silva, entre 1971 e 1976, passando a ser cobiçado por muitos sectores. Não falaremos aqui das instalações provisórias, mas dignas, espalhadas pelo país num conceito de Museu Descentralizado, nem das aquisições, doações do Património das Finanças e de Palácios, da Cooperativa Militar e de Hospitais, ofertas da IBM, dos edifícios da Malaposta e do Carquejo e da integração da Casa-Museu Egas Moniz. Tudo só foi possível mercê do transbordante entusiasmo, larga visão e juventude perpétua de Mário Silva.

Somos chegados a 1997. Mário Silva não se reveria na evolução que o Museu teve desde a sua morte há vinte anos, nem tão pouco, nas oportunidades já perdidas... A Universidade, a Câmara Municipal, e outras entidades culturais públicas e privadas deveriam, neste virar do Século, repensar Coimbra, no quadro do poder partilhado entre o Estado e a Sociedade Civil, no âmbito de civilidade que dá sentido à Democracia participada pelos cidadãos de Coimbra. A "Capital da Educação" não pode deixar de se posicionar com uma missão em Portugal e no mundo moderno, na vanguarda do pensamento.

Os desafios da competitividade e da integração europeia não podem fazer-nos esquecer o destino a cumprir e nunca cumprido da universalidade. Coimbra deveria ser a consciência crítica da Nação e a fonte dos movimentos

do pensamento necessários ao Renascimento do Século XXI. Para isso, necessita de mobilizar as suas forças para a Reflexão e não esgotar-se nos problemas intramuros, pois, ela já não é, para o Bem e para o Mal, o centro de influência política nos corredores do Poder.

A revitalização de Coimbra é necessária para conquistar o seu lugar e só o conseguirá por uma forte união de esforços de todos os que nela vivem, os que nela estudam e os que, espalhados pelo Mundo, por ela passaram e a continuam a amar. Perante uma Expo-98, que devemos apoiar como projecto nacional, perante um Euro-Parque, que devemos aplaudir como iniciativa empresarial, perante outras iniciativas de vulto que Lugar tem a Ciência e a Cultura, do Passado e do Futuro na Área Metropolitana da Grande - Coimbra? Supõe-se uma mobilização consciente para um projecto cultural de grande dimensão.

Mário Silva é um patrono indelével deste Projecto. O seu nome deve-lhe estar associado, de forma inequívoca e visível como exemplo a seguir para as gerações vindouras.

E se o democrata mereceu a Ordem da Liberdade estou seguro de que ao Homem da Ciência não lhe será negada a Ordem de S'Tiago de Espada.

É velho hábito diz-nos Mário Silva tudo destruir para de novo construir. O espírito renovador não significa

substituir as velhas coisas por novas. Afinal é no respeito pelo passado que construímos os alicerces seguros do Futuro. Respeitemos o espírito criador de Mário Silva...

DISCURSO DO PRESIDENTE DO CONSELHO
DIRECTIVO, SENHOR PROF. DOUTOR CARLOS SÁ
FURTADO

Esta cerimónia simples, mas creio que significativa e emblemática, recorda e rende preito ao Senhor Prof. Doutor Mário Augusto da Silva. Foi insigne universitário da nossa Faculdade: como professor, como

investigador como cidadão interveniente e interessado nos valores da Ciência, da Cultura, da Liberdade.

Pela obra feita e cedo violentamente terminada, há já muito que a Faculdade de Ciências e Tecnologia e o seu Departamento de Física queriam, de mãos dadas, dar público testemunho do seu muito apreço por este seu insigne Mestre. Ao empenho do anterior Presidente do Conselho do Departamento de Física, Prof. Doutor Armando Policarpo e do actual, Prof. Doutor João Providência, muito devemos por este momento de evocação respeitosa, de rememoração agradecida. Ao Magnífico Reitor, Prof. Doutor Rui de Alarcão, o nosso obrigado por, desde o primeiro instante, nos ter acompanhado com o seu inestimável apoio e avisado conselho.

Este ano de 1997 marca os 50 anos da data infausta e nefanda do afastamento compulsivo do Prof. Doutor Mário Silva da sua Cátedra de Física. Tempos de chumbo, de intolerância, de desrespeito pelos valores da Ciência e do Espírito que se abateram sobre a terra portuguesa, sobre a sua Universidade.

A Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra viu-se então, em 1947, privada deste seu eminente Professor que, após o seu doutoramento em Paris, em 1928, sob a orientação de Madame Curie, trouxe renovação e dinamismo ao Ensino e Investigação da Física em Coimbra. Publicou livros e artigos, organizou laboratórios e investigação, recuperou, ou melhor,

ressuscitou de depósitos e ferros-velhos, de sombrios e esquecidos armazéns, esses maravilhosos Mecanismos do Génio do Gabinete Real de Física que, sob a honrosa e prestigiante presença de V. Exa. Senhor Presidente da República foram, pela primeira vez e definitivamente - assim o pensamos - expostos à visita de todos os que prezam a Ciência e a Beleza.

Deixar-me-ão Vas. Exas. recordar que, mais tarde, com a cumplicidade inteligente e amiga de pessoa aqui presente, o Prof. Doutor José Veiga Simão, a quem agradeço a sua pronta disponibilidade para hoje estar connosco, o Senhor Prof. Doutor Mário Silva com corpo já avançado em anos contendo espírito e ânimo juvenis, lançou, animou e lutou pelo seu - que deverá ser nosso, de todos nós - Museu Nacional da Ciência e da Técnica. Tive a honra e o grande prazer intelectual e afectivo de modestamente colaborar com o Senhor Doutor Mário Silva no pioneirismo desta promissora iniciativa.

Ressuscitar o seu Museu, que queria Nacional, dando-lhe meios condizentes ao sonho que animou a sua criação é, seguramente, nestes 50 anos em que recordamos a dor, o sofrimento e a tristeza de um afastamento injusto e indigno, a melhor forma de lhe guardar a memória, de estarmos à altura do seu testemunho, do seu inesgotável amor à Vida, à Cultura, à Beleza perene da Ciência. Seria como um segundo afastamento compulsivo - desta vez feito por nós - se

não dermos a exacta e correcta dimensão, aqui em Coimbra - como queria - ao Museu Nacional da Ciência e da Técnica, por si sonhado e ideado.

Senhor Presidente da República - Excelência
Minhas Senhoras e Meus Senhores

A Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, através da minha descolorida fala, recorda com saudade e orgulho, homenageia com respeito e gratidão, o seu eminente Professor que foi e continuará a ser o Senhor Doutor Mário Augusto da Silva.

Tenho dito!

DISCURSO DO PRESIDENTE DO CONSELHO DO
DEPARTAMENTO DE FÍSICA DA FCTUC, SENHOR
PROF. DOUTOR JOÃO DA
PROVIDÊNCIA E COSTA

Estamos aqui para homenagear uma figura ilustre de universitário prestigiado e de cidadão exemplar. É subida honra e motivo da maior satisfação participar neste acto de justiça que há muito tempo se impunha. Apraz-nos sobremaneira que Sua Exa. o Senhor Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, tenha querido associar-se a esta cerimónia, conferindo-lhe, com a sua insigne presença, suprema dignidade.

Mário Augusto da Silva nasceu em 1901. Foi discípulo de Mme. Curie e doutorou-se em Paris em 1928, dando início a uma promissora carreira científica de excelência. A sua voz de mestre e cientista foi brutalmente silenciada há 50 anos pelo regime prepotente e iníquo que então detinha o poder.

Mário Silva distinguiu-se também como pedagogo de qualidades excepcionais. Publicou excelentes textos universitários, de leitura fácil e agradável, sem prejuízo de inexcédível rigor científico.

O seu nome está indelevelmente ligado ao Museu de Física que teve a sua origem no Gabinete de Física Experimental, criado em 1772, pela Reforma Pombalina.

O acervo museológico do Gabinete constituía em 1772, segundo documento da época, a mais completa colecção de instrumentos para o estudo da Física Experimental que existia na Europa. Ainda hoje esta colecção é uma das mais notáveis e raras no mundo, sendo as peças do séc. XVIII verdadeiras obras de arte, valorizadas pela riqueza dos materiais e pela perfeição da execução.

A colecção primitiva foi gradualmente enriquecida por novas aquisições. Contudo, devido à usura do tempo, incúria dos homens e outras vicissitudes perderam-se muitas peças e muitas outras foram alienadas. Foi em 1937 que a clarividência e porfiados esforços do Professor Mário Silva inverteram tão insensato processo de delapidação do nosso património artístico e científico. Mário Silva logrou a recuperação e restauro de grande parte das peças, bem como a reconstituição do primitivo Gabinete de Física Experimental, cuja localização caíra também no esquecimento.

O pouco tempo de que disponho não me permite fazer justiça à sua obra nem tão pouco traçar dela um esboço, mesmo que muito breve. Cabe ao Professor Veiga Simão tão honrosa missão. Mas a obra, de tão grandiosa, fala por si.

A melhor forma de recordar Mário Silva é lembrar a sua mensagem, prestando-lhe a atenção que merece e lhe é devida. Mário Silva compreendeu como poucos que não é por fatalidade genética que a nossa presença se não faz sentir mais intensamente no forum do saber. Porém, para corrigir um percurso que se mantém teimosamente negativo, é imprescindível libertar os mananciais do conhecimento secularmente obstruídos, prestigiar o cultivo autêntico das ciências, resistir ao ilusório canto de sereia das soluções fáceis mas mistificadoras.